

# humanitas

Vol. LXI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HVMANITAS

Vol. LXI



de gênero (masculinos ou femininos) perfeitamente consoantes às prescrições morais de seu tempo e espaço existem tão só num ideal platônico, de maneira que a liberdade para exercer o desejo parece enfim não se dar na esfera da identidade (isto é, do espelhamento em um padrão), mas na dimensão da pluralidade, daquilo que marca a diferença em face do outro. Está assim delineada a prerrogativa ética a atravessar esta interessante publicação em torno das múltiplas faces do masculino.

CLAUDIO CASTRO FILHO

JESUS, Carlos A. Martins de, *Arquíloco. Fragmentos Poéticos*, Lisboa, INCM, 2008, 155 pp. ISBN: 978-972-27-1673-4

Esta tradução da obra de Arquíloco proposta por Carlos Jesus e levada ao prelo pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda (colecção *Biblioteca de Autores Clássicos*) tem por principal atractivo o facto de ser pioneira. À parte os 15 poemas que a Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira dedicou ao autor na antologia *Hélade*, publicada originalmente há já 50 anos, a grande maioria dos textos, bem como uma apresentação introdutória que os enquadrasse, não estavam acessíveis ao leitor português. Tratando-se de um poeta que ousou oscilar entre a alteridade dos temas épicos (por exemplo, o *P. Oxy.* 69. 4708) e a primazia de um *eu* inquieto e especulativo, a pertinência de uma abordagem deste tipo é ainda maior.

Ainda que a obra não seja exactamente a “primeira versão na íntegra” (p. 7), já que deixa de parte os poemas cujo sentido não é reconstituível graças ao seu estado excessivamente fragmentário, ela é, sem qualquer dúvida, a primeira apresentação global deste poeta ao público leitor. Dada esta especificidade editorial, que, todavia, não invalida o valor e a pertinência académicos do livro, creio ter sido acertada a opção de excluir os textos mais fragmentários.

O livro está dividido em dois grandes blocos: uma introdução (pp. 9-39) e o conjunto dos textos traduzidos e anotados (pp. 53-143). Além disso, conta também com algumas secções mais breves, ainda que pertinentes, a saber: uma breve nota de apresentação (*In Limine*: pp. 7-8), em que o A. aflora o encaixe do livro no estado actual dos estudos sobre Arquíloco (nomeadamente algumas novidades papirologicas que introduz), bem

como alguns aspectos relacionados com a investigação que presidiu à sua concepção; uma *Nota à Tradução* (pp. 41-42), onde se abordam algumas questões de ordem metodológica, como a edição seguida (M. L. West, *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati*, Oxford, Oxford University Press, 1998 – 2ª reimpr.) e os critérios que nortearam a organização dos textos, bem como a composição das notas; um conjunto de referências bibliográficas (*Indicações Bibliográficas*: pp. 43-49); finalmente, um *Apêndice Iconográfico* (pp. 145-152), respectivamente legendado.

A introdução propriamente dita está, também ela, dividida em duas secções distintas: *Vida e obra (atribuladas) de um artista* (pp. 11-25) e *A perenidade de um poeta: do século V a.C. ao Renascimento* (pp. 25-39). Antes disso, porém, o A. traça em dois parágrafos preliminares, e de um modo admiravelmente sintético, as linhas mestras da poesia de Arquíloco: a viagem, a guerra (quer de heroísmo, quer de fuga covarde pela própria vida), o amor (quase sempre carnal e violento), a introspecção, mas também a imoralidade e a obscenidade, e a invectiva aguda e nua. No fundo, recuperando as palavras do A., “tudo isso mais não é do que a vida (...). Esse o assunto dos seus versos” (p. 11).

Nessa primeira secção, o A. começa por traçar um breve conspecto biográfico de cuja leitura parece ressaltar uma interpretação autobiográfica da poesia arquiloquiana. Não se remeterá unicamente a essa vertente, mas, por vezes, os seus versos denotam, de um modo subliminar, algumas interpenetrações da vida na obra e da obra na vida. As referências a Glauco (frs. 15, 48, 105, 117 e 131<sup>3</sup>), suposto general amigo de Arquíloco, ou a suspeita quase transversal de que, em muitas ocasiões, o sujeito não será mais do que uma máscara do próprio poeta, são apenas alguns dos elementos que o A. tenta reconstituir numa espécie de “arqueologia do contexto” que, posteriormente, terá a sua continuidade nas notas que acompanham o texto. Esta inclinação para a leitura autobiográfica é confirmada no último parágrafo da introdução, quando diz: “recusamos, no que toca a Arquíloco, a total separação entre vida e obra” (p. 39). E, em meu entender, é inevitável que assim seja, pois o Período Arcaico está ainda distante de um *eu* poético autónomo e totalmente forjado *para e no verso*.

---

<sup>3</sup> Visto que, à parte o papiro de Oxirrinco (*P. Oxy.* 69. 4708), todos os outros textos seguem a edição de Martin West, seria redundante referir o nome do editor a que pertence cada fragmento. Deste modo, será indicado apenas o número a que corresponde nessa mesma edição.

Posteriormente, num segundo momento (pp. 14-25), este mais vocacionado para a obra propriamente dita, o A. empreende uma sistematização dos motivos, temas, formas e intenções poéticas do *corpus*, acabando, no fundo, por desenvolver com mais pormenor as principais linhas mestras arquiloquianas que aflorara já nos primeiros dois parágrafos da introdução.

Além disso, refere também alguns dos textos que haveriam de se tornar *topoi* iluminadores de poetas subsequentes, como a metáfora do estado como nau e o seu líder como timoneiro (frs. 105 e 106), de que o A. considera ser a mais antiga manifestação (p. 87, n.40), ou a nada heróica perda do escudo (fr. 5) que há-de fundamentar o famoso *relicta non bene parmula* horaciano. Com uma manifestação mais transversal, é também arquetípica a poética erótica de Arquíloco que servirá de gramática temática e estilística para autores posteriores como Marcial, Horácio ou Ovídio; deste âmbito abundam fragmentos sobre essa vertente mais carnal e animalesca do amor, mais propriamente do acto sexual, a cujas várias fases é dedicado um grande número de versos e metáforas várias. Não menos importante é a faceta satírica, própria do metro iâmbico, que, por vezes partindo de um fundo fabular, põe a nu de um modo cru e veemente diversas intrigas políticas e familiares; em grande parte dos casos, o alvo do aguilhão arquiloquiano é o famigerado Licambas e os membros do seu círculo pessoal.

A finalizar esta primeira parte da introdução, o A. aborda a delicada questão da inclusão do papiro de Oxirrinco (*P. Oxy.* 69. 4708) no *corpus*; argumenta a defesa desta posição ao seguir a opinião de Martin West, o qual considera que este fragmento estaria no grupo de textos a que alguns autores antigos recorriam para associar Arquíloco aos temas épicos (note-se que o texto trata de um episódio da viagem dos Gregos para Tróia). Além disso, remete o leitor para um outro título da sua autoria dedicado inteiramente a este papiro<sup>4</sup>, embora não refira exactamente quais foram as conclusões a que chegou nesse estudo.

Já na secção *A perenidade de um poeta: do século V a.C. ao Renascimento* (pp. 25-39), o A. traça um percurso diacrónico da recepção da poesia de Arquíloco no período compreendido entre o século V a.C. e o

---

<sup>4</sup> JESUS, Carlos A. Martins de, “*Omnia trahunt fata*: sobre o mais recente texto atribuído a Arquíloco de Paros (*P. Oxy.*, 69. 4708. fr. 1)” in *Biblos* IV. 2<sup>a</sup> s. (2006), pp. 399-422.

Renascimento. Começa na Antiguidade: da lírica de Píndaro, onde aparece como contraponto poético, à Comédia Antiga, no seio da qual teria sido composta uma obra de Cratino cujo enredo se desenvolvia em torno das invectivas dirigidas à família de Licambas; do Período Helenístico, durante o qual se continua e consolida, principalmente por intermédio de Calímaco, a redutora identificação dos versos arquiloquianos com o aguilhão de uma vespa, à Literatura Latina, onde os *topoi* que estabelecera nos seus versos se tornam categorias poéticas de uma estética, por um lado, obscena e, por outro, satírica que veremos cultivada nos textos de Marcial, Horácio e também Ovídio. E acaba no Renascimento: de Alciato, que num dos seus *Emblemata*, forja um túmulo de Arquíloco decorado com as famosas vespas, as quais, como esclarece o A. (p. 32, n. 20), estavam associadas ao género da invectiva em geral e não a este poeta em particular, a Erasmo, que contemplou quatro *adagia* relacionados com Arquíloco e o círculo de Licambas. Tanto Alciato como Erasmo, que, ao receberem uma visão parcial da poesia de Arquíloco construída durante a Antiguidade, se tornaram “cristalizadores da lenda na sua versão renascentista” (p. 34), disseminaram este modelo pela cena intelectual europeia; um dos casos da sua recepção foi o poeta português Estêvão Rodrigues de Castro, a que o A. dedica também algumas páginas.

No que respeita à tradução, está muitíssimo cuidada e fiel ao original grego e codificada de modo uniforme e coerente, salvaguardando em absoluto a homogeneidade linguística dos vários fragmentos. Além disso, acresce a tentativa – na grande maioria dos casos conseguida – de recuperação das várias facetas do signo poético, já que, na medida do possível, replica, além do sentido, também a sintaxe e o ritmo do original, sem prejuízo da proximidade entre ambas as línguas em confronto.

O registo de linguagem escolhido pelo A., ainda que pareça arrojado, está em perfeita consonância com o que marca o texto grego, bem como o favorece ainda mais a primazia atribuída à expressividade em detrimento dos constrangimentos filológicos que muitas vezes acabam por empobrecer a versão deste tipo de composições. Por exemplo, no famoso fr. 5 (p. 58), o A. opta por verter  $\alpha\upsilon\tau\acute{\omicron}\nu\delta'$  ἔξεσάωσα (v. 3) por “salvei o coiro”; à primeira vista, poderá parecer demasiado livre a tradução de  $\alpha\upsilon\tau\acute{\omicron}\nu$  por “coiro”, mas uma leitura conjunta dos fragmentos – imprescindível para a tradução de um só que seja – bastará para aceitar que a opção de recuperar este sentido subliminar justifica o distanciamento filológico.

Tratando-se de uma tradução, é inevitável que grande parte das opções seja discutível. Por exemplo, logo no primeiro verso do fr. 1 (p. 55), a versão de εἰμὶ δ' ἐγώ por simples “eu sou” parece deixar escapar parte do individualismo exacerbado que, em meu entender, o verso transparece; pessoalmente, preferiria algo como “eu é que sou”, ou, por inversão, “sou eu”.

Finalmente, creio que teria sido vantajosa a inclusão dos contextos em que ocorrem os fragmentos transmitidos por outros autores; ou traduzindo-os conjuntamente, ou referindo apenas a fonte de cada um. Esta opção permitiria um enquadramento mais preciso dos textos, bem como quebraria a ilusão (legítima para o leitor menos avisado) de serem absolutamente independentes dos seus contextos.

Em suma, cumpre dizer que a importância deste poeta no cânone literário ocidental e o modo simultaneamente rigoroso e acessível como o A. o apresenta quer na introdução, quer na tradução anotada dos textos, garantem ao livro uma dupla pertinência: se, por um lado, constitui uma ferramenta académica essencial para introduzir ao estudo da poesia de Arquíloco, por outro, oferece ao leitor não especialista, mas apenas amante da literatura, a possibilidade de conhecer um dos pilares fundacionais da poesia em primeira pessoa.

RODOLFO LOPES (bolseiro da FCT / CECH-UC)

JESUS, Carlos. A. Martins, *Aristófanes, As Vespas*. 2ª edição revista. Coimbra, FESTEIA – Tema Clássico, 2009, 100 pp. ISBN: 978-972-8869-22-9.

*As Vespas*, poderemos entendê-la, frisa Carlos M. Jesus, como “um primeiro esforço aristofânico confesso de conciliação entre a comédia intelectual e a comédia vulgar, na busca não mais de uma novidade externa, antes de um equilíbrio entre o gosto de ambos, poeta e público” (p. 7). Peça política, faz jus à orientação definida em *Acarnenses* e *Cavaleiros* (conforme lembra C. M. J.), na sua atenção à moldura social e epocal que rodeia o enredo. Nomeadamente, na então recente ascensão de Cléon, em quem o poeta colocava o ónus da culpa pela situação vivida na *polis*. Política, ainda, “porque se debruça sobre o funcionamento das instituições demo-